

## “EU SOU DA PARAÍBA, ESSE É O MEU LUGAR”: IDENTIDADE, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO LOCAL NA ESCOLA ECI GERTURDES LEITE – DESTERRO-PB.

Dêis Maria Lima Cunha Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo versa sobre a importância em compreender o ensino de História na conjuntura nacional partindo dos processos locais, assim como, a relevância do patrimônio cultural material, imaterial e ambiental como promotores de identidade da história local. Para tanto, é importante considerar a preservação da memória para que os discentes e a população uma vez identificada e conhecida a história e o patrimônio local desenvolvam práticas de identidade e preservação. Este estudo é resultado de um projeto de intervenção com estudantes do segundo ano do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral Gertrudes Leite. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo foi a pesquisa oral, entrevistas, realizadas pelos discentes sob a minha orientação para identificarem a partir do seu ponto de vista o patrimônio histórico-cultural material, imaterial e ambiental das cidades de Desterro-PB e Cacimbas-PB. Ao longo das exposições dos resultados das pesquisas dos estudantes consegui perceber a dedicação, o entusiasmo dos discentes ao se perceberem produtores da história e do patrimônio local. O aporte teórico para fundamentar este estudo foram: Le Goff (2013), para entendermos a importância da memória para uma determinada população e do mesmo modo Pierre Nora (1993); Melo (2015), para compreendermos a relevância da história local a fim de entendermos os processos da conjuntura nacional; sobre Patrimônio e cidadania o debate foi proporcionado por Pessoa (2016); Bittencourt (2003) para o debate sobre propostas curriculares para o Ensino de História.

**Palavras-chave:** Educação; História local; Patrimônio cultural local; Identidade.

### INTRODUÇÃO

A curiosidade sobre o tema ocorreu no momento em que participei dos debates promovidos pelas Jornadas Virtuais do Patrimônio Cultural<sup>2</sup> em unidade com a dissertação de Mestrado em História na UFPB. Ao retornar para a sala de aula fui inserindo trechos da dissertação nas aulas de História à medida que consegui fazer ligação com os conteúdos propostos pelos livros didáticos. Percebi que os debates nas aulas foram significativos quando

---

<sup>1</sup> Mestra em História – Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: deisprofhist.lima@gmail.com

<sup>2</sup> As Jornadas Virtuais do Patrimônio Cultural foi um evento providenciado pelo “Grupo de Pesquisa Saberes Históricos: Ensino de História, Historiografia e Patrimônios, o Programa de Pós-Graduação em História da UFPB e o Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa.” O evento apresentou doze mesas redondas de modo virtual. Estes encontros aconteceram nos meses de julho e novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jLauWYL7DdI>> Acessado em 29 de setembro de 2021.

os estudantes conseguiam fazer comparações dos processos locais com os processos da conjuntura nacional. A preocupação em mediar o conhecimento a partir das circunstâncias locais foi importante para a compreensão dos processos nacionais e por isso “[...] é preciso considerar o papel do professor na configuração do currículo real, ou interativo, que acontece na sala de aula, lembrando que ele é sujeito fundamental na transformação ou na continuidade do ensino de História. (BITTENCOURT, 2003, p. 27). O ensino de história local apresenta importante significado, tanto para os professores quanto para os alunos.

Quando os professores se deparam com o desafio de ensinar sobre história local, considerada a escassez ou até inexistência de referências nos livros didáticos, – muitos simplesmente evitam – muitas vezes recorrem às poucas obras sobre história local (geralmente de tom laudatório aos mais importantes personagens locais). Estes tentam encontrar “brechas” nos livros didáticos – por exemplo, quando em antiguidade aparecem algumas informações sobre arqueologia e trazem um gancho para os sítios arqueológicos da região – ou são compelidos a produzir o próprio material didático, o que consiste num desafio de grande envergadura, dadas as condições normalmente adversas para isso.

Todavia, os alunos estudam muito mais conteúdos sobre a história da Europa do que da sua própria história. É importante conhecer e entender a origem de determinados conceitos e práticas que tiveram origem no Ocidente, mas é necessário também que os estudantes tenham acesso ao conhecimento da sua história, uma vez que há uma enorme “[...] distância entre a realidade vivenciada pela comunidade e o tratamento dado ao ensino de História, já que o aluno se torna mero espectador de fatos, não necessitando esforços no sentido de qualquer reflexão ou elaboração.” (MELO, 2015, p. 980).

Quando o professor, considerados esses desafios, leva para a sala de aula o debate sobre a história local numa perspectiva mais plural, sobre a história da cidade, ainda que pequena, os alunos deixam de ser meros espectadores e compreendem que estão inseridos nos processos históricos. Entendem que a História é o resultado das ações humanas, que foram pesquisadas, estudadas e por isso é uma ciência. Por conseguinte, os discentes passam a compreender a importância de estudar este componente curricular e as contribuições desse conhecimento para suas vidas, tanto escolar, quanto pessoal. Deste modo, é necessário entender que os conteúdos estudados em sala de aula pressupõem exaustivas atividades de pesquisas científicas, todavia, essas pesquisas devem permear a “[...] reelaboração, com o conhecimento proveniente do ‘senso comum’, de representações sociais de professores e alunos e que são redefinidos de

forma dinâmica e contínua na sala de aula.” (BITTENCOURT, 1998, p. 25 *apud* MELO, 2015, p. 100).

Dessarte, a identidade construída na produção do conhecimento da história e do patrimônio cultural local pode despertar no aluno o sentimento de pertencimento, assim como, o desejo de cuidar e preservar. No entanto, observei que em muitos casos a percepção da história local e o ato de cuidar e preservar suas referências não acontecem: primeiramente os alunos – especialmente das pequenas cidades – não têm e/ou neste caso não tinha uma clara consciência da importância da história local, isto porque, por longos anos o ensino de História, lastreado no “nacional” caracterizou-se levando em consideração apenas os eventos numa conjuntura geralmente distante da vida local, deste modo:

“[...] devemos nos ater ao fato de que, antes de serem tomadas como história nacional, elas são precisamente, histórias locais, deram-se temporal e espacialmente na esfera local, mesmo sendo de repercussão nacional ou mundial.” (MELO, 2015, p. 33).

Em vista disso, é importante proporcionar este conhecimento para os alunos, sejam quais forem o segmento do ensino básico, posto que, é no cotidiano, na convivência social que são produzidas e observadas a cultura, a história, o patrimônio, mesmo que muitas pesquisas considerem importantes apenas os processos que acontecem no âmbito nacional.

Neste sentido, o estudo da história local e a educação patrimonial a ela associado podem despertar a consciência para o conhecimento e para a preservação, dado que:

[...] a educação patrimonial carrega em si uma responsabilidade social. Vai além da construção da identidade cultural da comunidade ou conscientização acerca do valor do patrimônio local. podemos usar a metodologia da educação patrimonial no sentido de libertá-la daquilo que a oprime. Não se trata de indicar receitas prontas ou estabelecer metas de ‘libertação’ desta comunidade, mas que a educação patrimonial gere uma autonomia de pensamento crítico e leitura da realidade local, de forma que a comunidade passe a reivindicar aquilo que lhe é de direito ou perceba necessidades novas para a melhoria de sua qualidade de vida. (TUMELERO, 2007, p. 83 *apud* PESSOA, 2016, p. 141).

Não obstante, para que a comunidade tome consciência sobre o que é primordial para a melhoria de sua qualidade de vida, se faz necessário o conhecimento prévio de sua própria história e numa perspectiva que vá bem além da exaltação aos heróis locais, o qual vai acontecer no momento em que os alunos tiverem contato com conteúdos novos e sistematizados e seu

conhecimento “transborde” os muros da escola e chegue a todos os agentes sociais para assim, construir um senso mais amplo de cidadania e preservar a memória da sua comunidade.

“[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (LE GOFF, 2013, p. 435).

Como narrar a história de um povo, de uma comunidade, de uma nação sem a preservação de sua memória? É por meio da memória que na coletividade ou na individualidade se reconhece a cultura, a identidade, os costumes, a história, o patrimônio que se quer preservar. A memória, além de conhecida e preservada deve ser levada para a sala de aula, para que os alunos se reconheçam protagonistas da sua história e compreendam os elementos que fazem parte do seu cotidiano.

Conforme Pessoa (2012), não são somente as grandes cidades, ou aquelas conhecidas como “cidades históricas”, que merecem ter sua memória preservada, as pequenas cidades também têm a sua história, e ainda, sem a “[...] memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo efetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história.” (ORIÁ, 2003, p. 139). Para desenvolver o elo afetivo os alunos e populares em geral precisam considerar, que pertencem à cidade e se identificam com seus aspectos culturais e patrimoniais, e por isso se tornam guardiões e protetores da sua localidade

Não obstante, a partir deste debate me interessei em proporcionar aos alunos este projeto. *“Eu sou da Paraíba, esse é o meu lugar”*: identidade, história e patrimônio local na escola ECI Gertrudes Leite – Desterro-PB com o objetivo de propiciar aos discentes o entendimento sobre a importância do ensino de História nacional e regional partindo dos processos locais, assim como, a relevância do patrimônio cultural material, imaterial e ambiental como promotor de identidade da história local. Para tanto, é significativo valorizar a memória para que os alunos e a comunidade como um todo, se percebam protagonistas do meio social, e produtor do patrimônio cultural da sua cidade e assim desenvolvam e fortaleçam a sua identidade. Do mesmo modo, desenvolver práticas de preservação e consumo sustentável dos patrimônios naturais depois de identificados, assim como, viabilizar o entendimento de como os estudos historiográficos são produzidos, narrados a partir da pesquisa científica.

A primeira parte do nome do projeto se trata de um trecho da música, *Paraíba joia rara*, do paraibano campinense Tom Oliveira<sup>3</sup>. Trata-se de uma música que enaltece as riquezas culturais, ambientais e patrimoniais da Paraíba. E muitos dos nossos alunos não tem e/ou não tiveram a oportunidade de conhecer essas riquezas, ou não são e/ou não foram instigados a perceberem o patrimônio cultural paraibano.

Deste modo, preservamos os marcos de memória, o patrimônio cultural, seja material, imaterial e ambiental de uma cidade, de um estado quando os conhecemos, quando temos consciência de sua existência e por isso esses marcos precisam fazer sentido para os alunos e os identificarem com o seu lugar de origem Pessoa (2012). A arte de fazer cultura se torna patrimônio, e tanto na cidade de Desterro-PB<sup>4</sup>, quanto na cidade de Cacimbas-PB<sup>5</sup> contamos com um vasto patrimônio cultural material, imaterial e ambiental.

Por isso, o ensino de história partindo das experiências e valorização da identidade e história local, tornar as aulas mais significativas e desenvolve a prática do conhecimento, conservação e preservação da própria história. Além de despertar em cada um dos alunos participantes, a consciência cidadã e crítica dos processos culturais, sociais, econômicos e políticos regionais e nacionais. Visto que, “As pesquisas realizadas na esfera local também contribuem para compreendermos o modo como os processos, em âmbito nacional, influenciam, direta ou indiretamente, a conjuntura local/municipal. [...]” (SILVA, 2020, p. 119-120). Importante perceber que os processos históricos nacionais, antes de serem vistos como tal, iniciaram na conjuntura local.

---

<sup>3</sup> Ton Oliveira, nascido Gleriston de Souza Leite em 09 de julho de 1965 na cidade de Campina Grande-PB. É cantor e compositor e foi influenciado pelos repentes, poemas e composições do seu pai Juvenal de Oliveira. O primeiro disco foi lançado em 1991, a partir de então ficou conhecido com músicas como: “Falta um boi vaqueiro”, “Morar no Cabaré”, “Locadora de mulher”, “Sem preconceito (O Boiola)”, “As três coisa da vida”, “O prefeito” e “Paraíba Joia Rara”, dentre outras. A música Paraíba Joia rara foi lançada em 2011, de acordo com o cantor compôs a música enquanto viajava e observava a beleza da Paraíba. Ver mais em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/ton-oliveira/> Acessado em 01 de outubro de 2021.

<sup>4</sup> Sobre a origem da cidade de Desterro ver: SILVA, Dêis Maria Lima Cunha. Poder local e capital político-familiar: estratégias de poder, familismo e clientelismo da família Leite no sertão paraibano – Desterro - PB (1977-1989). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20295>

<sup>5</sup> Cacimbas é uma cidade de pequeno porte, está localizada no Médio Sertão da Paraíba, é cercada por serras e riachos que em períodos de seca a população cavava cacimbas (buracos), onde encontrava água potável para matar a sede, tanto das pessoas, quanto das criações de animais. Foi elevada à Distrito pertencente a Desterro-PB pela Lei nº 5.168 de 11 de agosto de 1989 publicado no Diário Oficial do Estado no dia 18 de agosto do mesmo ano. Neste período contava com 5.500 habitantes. Pela Lei Estadual Nº 5905, de 29 de abril de 1994 foi desmembrado do Município de Desterro e emancipada politicamente, o governo foi instalado depois das eleições municipais de 1996 em 01-01-1997. Conforme o Censo de 2010 a cidade conta com 6.814 habitante com uma estimativa de 7.225 para 2021. Informações disponíveis em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cacimbas/panorama>> Acessado em 29 de setembro de 2021.



A história local é pensada como uma metodologia para o Ensino de História. E esse método é eficaz, uma vez que, aproxima os alunos dos processos históricos do contexto nacional. Possibilita a percepção de que o Ensino de História “[...] é o principal componente no processo de aprendizagem e a sua construção do pensamento histórico passaria pela empatia pelo tema abordado.” (CAINELLI; SANTOS, 2014, p. 160.).

À vista disso, a partir do momento que os discentes identificam o patrimônio cultural e relaciona-o com a história da cidade, onde mora entenderá como as teorias e narrativas históricas são elaboradas e/ou escritas. Não obstante, desenvolverá a sua identidade e o desejo de preservar a história e o patrimônio cultural local. Ademais, não somente o componente curricular de História, Português e Matemática foram contemplados neste projeto, com a colaboração da disciplina de Geografia, os discentes compreenderam os aspectos geográficos, especialmente no momento em que perceberem patrimônio ambiental nos costumes culturais religiosos nas visitas aos Cruzeirinhos, as pedras com tanques, serras que identificam a cidade.

## **METODOLOGIA**

Este estudo foi desenvolvido com os alunos do segundo ano do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral de Ensino Fundamental e Médio Gertrudes Leite, localizada na cidade de Desterro, Estado da Paraíba. Os estudantes da instituição escolar moram na zona urbana e rural das cidades de Cacimbas-PB e Desterro-PB. A ECI Gertrudes Leite foi inserida no modelo integral de ensino no ano de 2019 e conta este ano de 2021 com um total 689 alunos, sendo 482 estudam em período integral, 200 na EJA e sete no AEE. Foi criada no mês de março de 1977 pela administração municipal, e ofertou de início o antigo Ensino de primeiro grau, atual Ensino Fundamental II. Na década de 1980 foi estadualizada e passou a ofertar o Ensino de segundo grau, atual Ensino Médio, para atender as necessidades educacionais dos desterrenses.

Os discentes que participaram do projeto de intervenção foram instigados a perceberem o patrimônio cultural em sua comunidade rural e/ou na parte urbana da cidade. Fizeram um levantamento a partir do seu olhar e do seu entendimento sobre os lugares que são produzidas a história no seu cotidiano e na vivência social. Com isso, despertaram o senso de identidade com o seu lugar, onde moram, o senso crítico e analítico dos processos históricos. As Competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que estão de acordo com o projeto são as seguintes: (EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias

filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais; (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. E neste caso especificamente nos remeteremos a esfera local.

Dessarte, é importante observar a competência e habilidades que foram trabalhadas neste estudo de modo a perceber o desenvolvimento, compreensão e atuação determinante dos discentes que participaram ativamente desta atividade. Além de entenderem a importância do uso de determinadas fontes para a pesquisa historiográfica, analisaram os vestígios da história que os identifica como promotores de patrimônio cultural.

A primeira etapa deste estudo foi a apresentação do projeto a comunidade escolar por meio da palestra via Google meet, com o Professor Ângelo Emílio da Silva Pessoa, Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Associado do Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. Vinculado ao quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFPB) e ao ProfHistória da mesma Universidade.

No segundo momento, instiguei os alunos a realizarem pesquisas em suas comunidades rurais e na zona urbana, tanto da cidade de Desterro-PB como na cidade de Cacimbas-PB, isso porque, as turmas contêm estudantes das duas cidades. Apresentei algumas possibilidades e possíveis lugares e situações que eles poderiam identificar como Patrimônio cultural material, imaterial e ambiental. Em seguida, deixei que escolhessem realizar suas pesquisas em grupo de até 4 pessoas, desde que já houvesse a convivência entre eles, em dupla ou individualmente, devido estarmos vivenciando ainda, aulas no modelo remoto por causa da pandemia do COVID-19. As pesquisas foram realizadas com moradores locais e seguindo os protocolos e cuidados de prevenção ao covid-19.

Por meio de entrevistas, conversas com os moradores locais a pesquisa recorreu à memória, uma vez que, na coletividade ou na individualidade se reconhece a identidade, a história, e o patrimônio que se quer preservar. É “[...] na memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas” (ORÍÁ, 2003, p. 139). Essa memória, além de conhecida e preservada foi levada para a sala de aula, para que os alunos se reconhecessem protagonistas da sua história e compreendessem os elementos que fazem parte do seu cotidiano.

Depois das etapas acima citadas os discentes organizaram o resultado das pesquisas que foram apresentados nas aulas. As exposições foram executadas com o uso do Powerpoint,

vídeos, imagens, pela plataforma Google meet. Escreveram relatórios, onde registraram a experiência para desenvolver seus estudos e por fim, eu e uma comissão de representantes por alguns discentes fomos à Casa Legislativa para encaminhar junto aos parlamentares um requerimento, onde pedimos o reconhecimento do material identificado como Patrimônio cultural local.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas pesquisas realizadas pelos discentes foram encontrados patrimônio cultural material, imaterial e ambiental tais como:

**Material:** Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro, localizada na zona urbana da cidade. A Igreja Matriz faz parte da história dos desterrenses foi construída em estilo romano em 1929. No local onde foi edificada, anteriormente existiu um cemitério, erguido em meados do século XIX em cumprimento a uma promessa para que Nossa Senhora do Desterro, desterrasse as doenças que assolavam a Província da Paraíba por volta de 1855<sup>6</sup>. Posto Telefônico, este na Comunidade Rural Barra do Vieira – Desterro. O prédio, que encontra-se em situação de abandono representa a história da comunicação da comunidade rural, faz parte da identidade dos moradores.

**Casa antiga,** encontrada na Comunidade Rural Pedra Atravessada – Desterro. A residência em questão representa a importância da economia e da memória dos habitantes da povoação, dado que, nesta casa morou uma família que fabricava sapatos de couro para comercializar no centro da cidade.

**Imaterial:** Festividades e procissões religiosas na zona urbana da Cidade de Desterro. A festa da Padroeira trata-se de uma manifestação cultural religiosa, tradicional na cidade. Acontece todos os anos, desde o momento em que foi erguida uma singela capela dentro do cemitério para homenagear a santa protetora dos moradores locais. É uma das mais importantes festividades da cidade, que inicia com celebração religiosa e carreatas pelas ruas da cidade com o andor da padroeira “abençoando” os principais pontos como escolas, hospital e comércio. Durante a festividade profano e sagrado se misturam com o novenário e festa social com artistas

---

<sup>6</sup> Sobre as doenças ver mais em: Ver mais em: MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro e MARIANO, Nayana R. C. O medo anunciado: a febre amarela e o cólera na província da Paraíba (1850-1860). In: Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 9, ano IX, nº 3, 2012. Disponível em: [http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/DOSSIE\\_ARTIGO\\_5\\_SERIOJA\\_RODRIGUES\\_CORDEIRO\\_MARIANO\\_E\\_NAYANA\\_R\\_C\\_MARIANO\\_FENIX\\_SET\\_OUT\\_NOV\\_DEZ\\_2012.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF30/DOSSIE_ARTIGO_5_SERIOJA_RODRIGUES_CORDEIRO_MARIANO_E_NAYANA_R_C_MARIANO_FENIX_SET_OUT_NOV_DEZ_2012.pdf) Acessado em 29 de setembro de 2021.



locais. A festa é encerrada com outra celebração religiosa. Procissão da Via-sacra, esta acontece no Distrito de Tataíra – Desterro.

Na comunidade todos os anos a população se reúne durante a semana santa para seguirem em procissão rezando a via-sacra em direção ao Cruzeirinho tem relação com a identidade religiosa dos moradores do lugar. Memória – História da cidade de Desterro. O nome da cidade teve origem a partir do cumprimento da promessa feita pela senhora Silvéria Maria da Conceição à Nossa Senhora do Desterro. Estes primeiros moradores chegaram ao Sítio por volta de 1845, a princípio ganhou o nome Entre Rios, porque está localizada entre dois rios: Rio Taperoá e Rio dos Porcos. Memória – Entretenimento. Este estudo foi realizado no Distrito São Sebastião – Cacimbas-PB, tratou-se da importância da primeira televisão na Comunidade Rural na década de 1980, como meio de comunicação e entretenimento.

Ambiental: Tanques de Pedra, encontrados na Comunidade Rural Matinhas – Desterro. As donas de casa se reuniam e iam geralmente no sábado para lavar as roupas dos familiares nos tanques. Quando chove enchiam de água cristalina, hoje encontram-se aterrados e cobertos pela vegetação local. Açude Jeremias – patrimônio líquido, localizado na cidade de Desterro possui a capacidade de armazenar quatro milhões de metros cúbicos de água, abastece os moradores da cidade de Desterro e Cacimbas. Pedra da Loca – Lugar de visitação e onde por volta de 1903 o senhor que ficou conhecido como Zezinho da Loca se abrigou, dando origem a Comunidade Quilombola da Serra Feia – Cacimbas; A Pedra do Cruzeiro, localizada na serra em direção ao sítio São Gonçalo, também do município de Cacimbas. Trata-se de um ambiente de visitação, oração e contemplação da natureza.

Logo após as exposições das investigações dos alunos fiz uma atividade com o intuito de perceber se o projeto teve levantamento para a compreensão do que é história e patrimônio cultural nacional e local e a importância desse conhecimento para a identidade com o lugar onde vivem.

**Tabela 1- Resultado da consulta aos alunos.**

PERGUNTAS	SIM	NÃO	SUPERFICIALMENTE
Tinha conhecimento sobre o tema antes do projeto.	28,1%	43,8%	28,1%
A partir do projeto passou a compreender que nas cidades pequenas também tem patrimônio cultural local.	73,7%	15,8%	10,5%
O projeto colaborou com a identidade.	71,9%	10,5%	17,5%

Melhorou a compreensão sobre a escrita da História.	71,9%	12,3%	15,8%
---	-------	-------	-------

**Fonte: Tabela elaborada pela autora com base no resultado da consulta realizada com os alunos no dia 13 de setembro de 2021.**

De acordo com o gráfico os objetivos foram atingidos, dado que, dos 57 alunos que responderam o questionário por meio do formulário do Google 71,9% compreenderam como a pesquisa historiográfica é realizada, também com o uso da pesquisa oral como fonte, assim como o uso das imagens. 43,8% destes alunos não tinham conhecimento sobre a importância da história e do patrimônio cultural local, destes apenas 28,1% já tinham um conhecimento prévio sobre o tema e 28,1% tinham conhecimento superficial.

Sobre o objetivo em se perceberem protagonistas da história da cidade, onde habitam e a identidade com essa história 71,9% afirmaram que a partir da realização do estudo para a identificação do patrimônio cultural local passaram a se identificar com a história do lugar onde moram. Os 10,5% que não se identificaram, atribuo tal resultado aos discentes que apenas assistiram as exposições e não se envolveram nas pesquisas de fato.

Um dos momentos que chamou a minha atenção foi perceber a emoção dos alunos durante as exposições dos resultados dos estudos, o modo pelo qual desenvolveram a identidade com as cidades e as comunidades rurais, onde habitam. Se perceberam protagonistas das histórias dos seus lugares, e desenvolveram a preocupação em preservar a cultura com a qual desenvolveram afinidade. O ensino de história e patrimônio local implementado de maneira a despertar a consciência histórica dos alunos “[...] pode ser encarado como um processo de constituição de identidade que é uma constante antropológica. [...]” (CERRI, 2009, p. 149). Ainda mais quando esse ensino é introduzido por meio da história local, dado que, possibilita a percepção de sujeito histórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino e aprendizagem é uma via de mão dupla, dado que, “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. [...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, [...] não se reduzem à condição de objeto um do outro [...]” (FREIRE, 2011, p. 25). Desta maneira, quando um professor e/ou orientador media o conhecimento sobre um determinado tema, também aprende. Não há aprendizado sem ter quem queira aprender.

Logo, este projeto de intervenção viabilizou a aprendizagem tanto para mim como professora responsável pela orientação e coordenação das atividades, quanto para os discentes. Estes, abraçaram a ideia e embarcaram nas pesquisas para identificarem a história e parte do patrimônio cultural existente nas cidades onde moram.

Não obstante, para realizar este estudo os discentes “visitaram” a memória dos moradores das suas localidades e entenderam que a história e o patrimônio cultural no âmbito local são produzidos, construídos e vividos pela comunidade, por alunos e professores, e que fazem parte da sua história, já que, “Tudo que é chamado de memória não é, portanto, memória, mas já história. [...] A necessidade da memória é uma necessidade da história.” (NORA, 1993, p. 14).

A memória narrada, escrita e comparada com outras fontes favorece a percepção de que a cidade pequena tem sua história, seu patrimônio, seus “ruídos” e o professor pode ser a ponte para que os alunos tenham acesso à própria história. Como já foi enfatizado a História não é linear e nem está distante dos discentes, inclusive nas cidades pequenas, ela é dinâmica o trato com o ensino da história local sob uma perspectiva mais ampla e vinculado à educação patrimonial tem um potencial muito significativo em qualquer seguimento do e modalidade do ensino.

Portanto, as aulas de História partindo das experiências de valorização da identidade, do patrimônio e da história local, torna a aprendizagem mais significativa e desenvolve a prática da preservação do patrimônio histórico local. Entender o cenário social no qual os estudantes estão inseridos e nele coabitam faz diferença no momento em que eles buscam soluções para determinadas situações da convivência local. Ademais estudar história local, das pequenas cidades, viabiliza o entendimento dos eventos ocorridos na esfera nacional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAINELLI, Marlene; SANTOS, Flávio Batista dos. O Ensino de História Local na Formação da Consciência Histórica: um estudo com alunos do Ensino Fundamental. In: **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, v,9, n. 21, p. 158-174 jan./abr. 2014**. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/384>> Acessado em 04 de setembro de 2021.

CERRI, Luis, Fernando. Ensino de história e concepções historiográficas. In: **Espaço Plural, ano X, nº 20, 1º semestre 2009**. Disponível em: <http://e->

[revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/2467](http://revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/2467)> Acessado em 04 de setembro de 2021.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7 ed. rev. Campinas-SP: editora da Unicamp, 2013.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História local: contribuições para pensar, fazer e ensinar**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In. **Projeto História**. São Paulo, v.10, p. 7-28, dez.1993.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. Apropriação e fruição coletivas do patrimônio cultural na construção da cidadania. In: CEBALLOS, Rodrigo e BEZERRA, Josineide da Silva (orgs.). **História, Memória e Comemorações – ANPUH-PB**. Campina Grande: Ed. UFCG Liberdade, 2012.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. Educação patrimonial, ensino de história e cultura histórica: algumas experiências e considerações. In: **SAECULUM – Revista de História [35]; João Pessoa, jul./dez. 2016**.

SILVA, Dêis Maria Lima Cunha. **Poder local e capital político-familiar: estratégias de poder, familismo e clientelismo da família Leite no sertão paraibano – Desterro - PB (1977-1989)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.